



Relatos de viagem italianos sobre o Brasil: Massimo Bontempelli e Alessandro D'Atri

Adriana Marcolini
(USP)

RESUMO: O artigo tece uma breve análise dos relatos de viagem sobre o Brasil de autoria de Massimo Bontempelli e Alessandro D'Atri.

PALAVRAS-CHAVE: viagem; fascismo; Brasil; Itália; Argentina.

1933. No ano em que Adolf Hitler ascendia ao poder na Alemanha e em que a Europa começava a tenebrosa caminhada rumo à Segunda Guerra, no porto de Gênova o jornalista italiano Massimo Bontempelli (1878-1960) embarcava para a América do Sul. A viagem seria realizada em companhia do dramaturgo Luigi Pirandello, que já estivera no continente com sua companhia teatral, em 1927. graças ao patrocínio do governo de Benito Mussolini. Desta vez, no entanto, Pirandello iria prestigiar a estréia mundial de sua peça *Quando si è qualcuno*¹, encenada por uma companhia teatral de Buenos Aires.

As atividades de Bontempelli não se resumiam ao jornalismo. Também escrevia peças teatrais, romances e ensaios e, ao lado do escritor e jornalista Curzio Malaparte (1898-1957), publicou e dirigiu, entre 1926 e 1929, a conhecida revista *900*, que abrigou nomes importantes da cultura italiana da época e causou polêmica ao manter uma relação ambígua com o fascismo. Durante sua estada na capital argentina, o escritor e jornalista ministrou várias conferências sobre literatura, conheceu os intelectuais locais, compareceu a eventos sociais e a encontros com a comunidade italiana. Mas, sobretudo, observou. Também visitou outras regiões do país, na época um dos mais promissores da América Latina.

Após uma temporada de 27 dias na Argentina, o escritor deu início a uma viagem pela América do Sul, ao lado de sua companheira, a escritora Paola Masino. No total foram 67

1 Pirandello, L. *Quando si è qualcuno*. In: _____. *Maschere Nude*, Milano: Mondadori, 1965.

dias no continente, mas infelizmente apenas 11 no Brasil. Sua impressão sobre o país foi, portanto, superficial, mas, apesar disso, intensa. O livro *Noi, gli Aria: interpretazioni sudamericane*² é o resultado desta viagem. A obra foi inicialmente publicada pelo jornal *Gazzetta del Popolo*, em 1933, numa série de seis artigos. Os textos foram reunidos mais tarde no livro acima citado - publicado pela primeira vez em 1933 pela casa editorial romana Edizioni d'Italia. A última edição, da editora Sellerio, é de 1994. Apresentamos aqui uma análise dos dois capítulos dedicados ao Brasil.

* * *

O fascismo estava bem estabelecido na Itália, por volta de 1933, e a propaganda era um dos instrumentos usados pelo regime. A disseminação da ideologia fascista nos países da América do Sul com uma significativa presença de imigrantes italianos - Argentina, Brasil e Uruguai - está inserida nesta estratégia. Difundi-la incluía conhecer de perto a situação dos imigrantes, travar contato com a realidade local, estudar a melhor maneira de reforçar a ideologia fascista na comunidade, e ainda reforçar os laços com a “pátria mãe”. Em resumo, fazer uma avaliação *in loco* para depois encontrar meios de propagação do fascismo junto aos imigrantes e seus descendentes. Este foi o contexto que esteve por trás da viagem de Massimo Bontempelli para a América do Sul. Com base nas suas observações e nas conversas que manteve nos países que visitou, de volta à Itália o escritor apresentou ao Duce o relatório *Intorno alla Cultura Italiana nel Sudamerica*, em dezembro de 1933. O relatório foi publicado pelo pesquisador Gabriel Cacho Millet em seu livro *Pirandello in Argentina*³.

A penetração da cultura anglo-saxã na América do Sul, que começava a avançar durante a década de 1930, e gradualmente substituía o “imperialismo cultural francês” (assim como definido por Bontempelli), foi um dos aspectos para os quais ele chamou a atenção de Mussolini. Mas o escritor também observou o seguinte:

Ma il Sudamerica ha troppa gelosia verso il Nordamerica per accettarne volentieri la cultura. Per la cultura sudamericana, il verbo può oggi facilmente arrivare dall'Italia⁴.

2 Bontempelli, M. *Noi, gli Aria: interpretazioni sudamericane*. Palermo: Sellerio, 1994.

3 Millet, G. C. *Pirandello in Argentina*. Palermo: Edizioni Novecento, 1987.

4 [Mas a América do Sul tem muito ciúme da América do Norte para aceitar de boa vontade a sua cultura. Para a cultura sul-americana o verbo hoje pode chegar facilmente da Itália.]

Bontempelli aconselhou Mussolini a explorar isto:

L'accettazione della cultura nostra sarà appunto il campo, apparentemente innocente, in cui tutti potranno trovarsi d'accordo nel loro rivolgersi a noi. Basta uno sforzo non grande, e pronto, per trovare colà il più disposto luogo di diffusione della nostra arte e delle nostre idee⁵.

O livro *Noi, gli Aria: interpretazioni sudamericane* foi escrito a bordo do navio que o levou de volta à Europa. Foi com um sentimento mesclado de assombro e maravilha provocados pela visão da baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, que Massimo Bontempelli deu início a seu trabalho:

Dio in una mattina di frenesia ha fatto la baia di Rio de Janeiro.

Vi ha buttato bracciate di liquido e di solido, di colore e di trasparenze, azzurro e verde e violaceo, increspamenti e riflessi, atmosfere agglomerate, rarefazioni di lago, atteggiamenti da vulcano, sagome in delirio, curve ignote a qualunque geometria, un incendio di forme, pezzi di cielo per fare il mare, nuvole d'acqua, arcobaleni di trenta colori⁶.

Ele interpretou a beleza idílica do Rio de Janeiro - e do Brasil - recorrendo ao uso do paradigma bíblico. Expressões como *pezzi di cielo* (pedaços de céu); *arcobaleni di trenta colori* (arco-íris de trinta cores) e figuras de linguagem como *atteggiamenti da vulcano* (comportamento de vulcão), *sagome in delirio* (perfis em delírio) levam o leitor a delinear na mente uma pintura abstrata da baía de Guanabara.

Ao “cosmos” do “outro mundo” (a Europa), Bontempelli contrapõe o “caos” (o Brasil):

L'altro mondo è cosmo, qui Dio ha voluto lasciare un sentore di caos, ma caos di materiale sceltissimo, di primissima qualità, e tutto semplificato, colori precisi, masse piene. Manca solo un centro, un punto, quel punto verso cui il tutto misteriosamente si volga: punto gerarchico (palese od occulto), che è origine della Forma⁷.

5 [A aceitação da nossa cultura será o campo, aparentemente inocente, no qual todos poderão estar de acordo quando se dirigirem a nós. Basta um esforço pequeno, e rápido, para encontrar lá o lugar mais aberto para a difusão da nossa arte e das nossas idéias.]

6 [Deus fez a Baía do Rio de Janeiro numa manhã frenética. Jogou pinceladas de líquido e sólido, de cores e transparências, azul, verde e viola, tons ásperos e reflexos, atmosferas aglomeradas, lagos rarefeitos, comportamentos próprios de vulcões, desenhos delirantes, curvas que não conhecem nenhuma geometria, um incêndio de formas, pedaços de céu para fazer o mar, nuvens de água, arco-íris de trinta cores.]

7 [O outro mundo é cosmos, aqui Deus quis deixar uma impressão de caos, mas caos de material muito escolhido, de primeiríssima qualidade, e tudo simplificado, cores precisas, massas cheias. Só falta um centro, um ponto, aquele ponto em direção ao qual tudo misteriosamente se dirija: ponto hierárquico (patente ou oculto), que é a origem da Forma.]

Observe-se que Bontempelli não tomou nenhuma nota durante a viagem, como ele mesmo conta no prefácio. Ele explica porque agiu desta forma:

Lascio alla memoria il compito di eliminare il meno interessante secondo una veduta sintetica, fidando che quello che ho dimenticato debba essere ciò che meno importa alla interpretazione⁸.

O escritor também deixa claro que sua estada na América do Sul foi breve, de forma que seus leitores levem isso em conta quando avaliarem suas observações e julgamentos acerca do que ele expõe no livro.

Na obra de Bontempelli vem à tona uma visão do Brasil como uma terra de conflito entre o homem e a natureza, cuja identidade ainda está para ser definida. O Brasil e a América do Sul em geral são vistos como laboratórios de uma terceira via para a modernidade:

In questi paesi giovani fatti quasi esclusivamente di avvenire, l'interessante a scoprirvisi non può essere che la possibilità, cioè la storia dell'avvenire⁹.

Um dos aspectos que mais chamam a atenção de Bontempelli é o imenso território e a diversidade do país. Com efeito, ao longo do livro ele afirma que o Brasil ainda enfrentaria problemas de secessão territorial. Também faz referências à diversidade étnica e escreve que no Estado de Mato Grosso é possível encontrar tribos de negros que falam o dialeto genovês — o que, é bom salientar, é totalmente inverídico. Pode-se imaginar o impacto que um país tão diferente (ou “exótico”, aos olhos de um europeu) pode ter provocado neste autor que, é sabido, nutria simpatia pelo fascismo. A diversidade e o “caos” brasileiro estavam em conflito com a sua maneira fascista de ver o mundo. Suas observações são significativas:

... e via via il territorio [...] occupa terre equatoriali e tropicali e subtropicali, balza con salti bruschi dal selvaggio al coltivatissimo, abbraccia i più diversi colori di flore e di faune e d'uomini¹⁰

No relatório que apresenta a Mussolini, o autor tece uma reflexão acerca deste particular e afirma que a expansão cultural italiana no Brasil não iria produzir resultados tão

8 [Deixo à memória o dever de eliminar o menos interessante de acordo com uma visão sintética, confiando que aquilo que esqueci deva ser o que menos importa à interpretação.]

9 [Nesses países jovens feitos quase exclusivamente de futuro, o interessante a ser descoberto não pode ser nada mais que a possibilidade, ou seja, a história do futuro.]

10 [... e via via o território [...] ocupa terras equatoriais e tropicais e subtropicais, com saltos bruscos passa do selvagem ao cultivadíssimo, abraça as mais diversas cores de floras e de faunas e de homens.]

bons quanto na Argentina, uma vez que o país ainda precisaria resolver vários problemas difíceis. Um deles seria a ameaça à união territorial.

No que se refere ao título *Noi, gli ARIA*, vale a pena lembrar que é gramaticalmente incorreto. No entanto, apesar disto, é cheio de fantasia, confunde os leitores e remete-os a imagens de aviões e viagens. Entendo que, com este título um tanto incomum, o autor tenha manifestado o desejo de dizer *Noi, gli Ariani* (Nós, os Arianos). Se o livro for inserido no seu contexto histórico e a simpatia do autor em relação ao fascismo for levada em consideração, sua intenção torna-se transparente. Na mente de Bontempelli os italianos teriam na América do Sul o mesmo papel de conquista que os arianos (cujo nome significa “nobre de berço e de raça”) tiveram nos tempos antigos. À luz dos acontecimentos da época, e tendo em vista as significativas comunidades italianas, principalmente no Brasil e na Argentina, penso ser difícil não acreditar que ele tivesse em mente a expansão da cultura e da ideologia fascistas na América do Sul e considerasse a si próprio como um instrumento para atingir este objetivo.

A este respeito existem alguns aspectos em comum entre *Noi, gli ARIA: Interpretazioni Sudamericane*, de Massimo Bontempelli, e *Interviste brasiliane*¹¹ do jornalista Alessandro D’Atri. Esta última obra foi publicada em 1894, ou seja, quatro décadas antes, mas isto não a priva de algumas semelhanças com a primeira. O livro de Bontempelli foi lançado durante o auge do fascismo; já o segundo foi publicado numa época de fervor nacionalista na Europa: este já o primeiro elemento em comum entre ambos.

É significativo que D’Atri tenha vindo ao Brasil várias vezes no final do século XIX. Foi então que começou o grande fluxo de imigrantes italianos para as Américas. O êxodo provocou o surgimento de correntes rivais na sociedade: uma de caráter heterogêneo (oposição liberal, católicos, alguns setores protecionistas), favorável a uma expansão na América Latina sob uma ótica antiafricanista, sobretudo depois da derrota das forças italianas na Batalha de Ádua, em 1896. Para os seguidores desta linha, como Alessandro D’Atri, a mão-de-obra que deixava a Itália era vista como “colonizadora” ao invés de emigrante e o país não dispunha de um número suficiente de colônias (Eritreia, Somália e Líbia; a Etiópia só passaria a compor a lista em 1935) em comparação a outras nações européias.

A outra corrente era contrária à emigração e considerava que deveria ser encontrada uma solução para evitá-la. Para seus defensores, o fenômeno emigratório era um motivo de vergonha, um erro, e uma incitação à ação. Como afirma o historiador Sergio Romano em sua obra *Histoire de l’Italie du Risorgimento à nos jours*¹² “a emigração era uma vergo-

11 D’Atri, A. *Interviste brasiliane*. Napoli: Pei Tipi di Michele D’Auria, 1894.

12 Romano, S. *Histoire de l’Italie du Risorgimento à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

nha porque era intolerável que um país abandonasse tantos filhos em mãos estrangeiras e hostis; um erro porque os emigrantes eram uma energia da qual o país se privava em favor de outros; uma incitação à ação porque apenas uma força política nacional poderia trazê-los para dentro do Estado. A fim de suspender a emigração e trazer de volta à Itália seus filhos perdidos, tudo é permitido: guerras, conquistas, afrontas”

Em seus artigos para *La Provincia di Mantova*, Alessandro D’Atri tece elogios às condições em que os imigrantes italianos viviam no Brasil. O jornalista escreve que “se eles reclamavam da vida no país adotado era por causa da sua cobiça e avareza”. Ele era, pois, um autêntico representante daqueles que viam os que abandonavam a *madre patria* como “portadores de uma missão” - a missão de enaltecer o grande nome da Itália nas nações para onde se dirigiam. Note-se que, em geral, de acordo com o historiador Angelo Trento, os artigos e livros do jornalista eram escritos com este tom de exaltação. Segundo este autor, as idéias de D’Atri provocaram uma acirrada polêmica, a ponto de se tornarem objeto de discussão no Senado brasileiro da época.

Para os defensores do mito da *più grande Italia* (Itália maior) como Alessandro D’Atri, a emigração assumia, além dos aspectos comerciais, um caráter político. De acordo com este ponto de vista, a Itália poderia opor seus trabalhadores, que também representavam força e valor, ao imperialismo militar e à penetração econômica de outros países. O que se almejava não era a criação de novas Itálias, ou de colônias no sentido estrito do termo, mas a construção de fortes unidades étnicas em terras americanas, que seriam o meio de transmissão das tradições, da língua e da cultura da Península itálica. Uma maneira, enfim, de compensar a perda de cidadãos para terras estrangeiras.

Do ponto de vista de Alessandro D’Atri, era uma vergonha admitir que a Itália mandava para fora uma grande camada da população que se encontrava em situação miserável. A realidade desse contingente deveria, portanto, ser enxergada e divulgada como positiva, como nos mostra bem o excerto abaixo:

Anche la nostra colonia a San Paolo è radicalmente mutata. Rinnovato l’ambiente morale, pare se ne sia avvantaggiata la sua bellezza fisica [...] Ond’è che io sono lieto di poter affermare che laggiù, l’Italia che palpita e che lavora, non è più rappresentata dai peggiori rifiuti del nostro sottosuolo. Al contrario: sono là giovani per bene [...] sono là italiani educati, ben vestiti, eletti per virtù e per ingegno¹³

13 [A nossa colônia em São Paulo também mudou radicalmente. Com o moral renovado, parece que a sua beleza física se sobressaiu [...] Por isso tenho orgulho em poder afirmar que lá a Itália que palpita e que trabalha não é mais representada pelas piores escórias do nosso subsolo. Pelo contrário: lá estão jovens de bem [...] lá estão italianos educados, bem vestidos, escolhidos pela virtude e inteligência.]

Interviste brasiliane é baseado na terceira viagem de D'Atri ao Brasil, realizada em 1894. Na ocasião, o autor manteve contato com alguns personagens eminentes da vida social e política brasileira de então, como o fazendeiro de café Antonio Prado (que desempenhou importante papel na abolição da escravatura) e o jornalista paulista Ferreira de Araújo, proprietário de *A Gazeta de Notícias*. O livro não tem qualidades literárias; ao contrário, deixa a desejar quanto a isto. No entanto, deve ser considerado como um documento das décadas turbulentas que se sucederam à unificação italiana. A leitura da obra revela que o jornalista representava a elite e que procurava manter relações próximas com as classes altas da sociedade brasileira da época. Portanto, o universo que ele apresenta no livro tem como referência o ponto de vista da elite.

D'Atri estava no Brasil apenas cinco anos após a queda da monarquia, em 1889. Quando chega à cidade de Salvador, na Bahia, fica impressionado com as medidas de segurança tomadas pelo novo presidente da recém-nascida República, depois da tentativa de derrubada do governo por uma revolta apoiada pelos monarquistas, que exigiam novas eleições. No entanto, na descrição que faz sobre Salvador, parece ser monarquista:

A Bahia vedevo infiacchito e demoralizzato dalla Repubblica un popolo che era stato operoso e contento sotto lo Impero¹⁴

Mais adiante, explica que não concordava com a maneira pela qual a República fora estabelecida. Afirma que o governo que substituiu a monarquia, o chamado “Governo Provisório” deveria permanecer mais tempo no poder e não apenas um ano como determinado, a fim de evitar revoltas como a que havia acontecido.

Assim como Bontempelli, D'Atri compara a baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, à baía de Nápoles, na Itália:

Tutto quel panorama [di Napoli] è bello, è stupendo, è meraviglioso, e nondimeno esso è nulla a confronto della grandiosità del golfo di Rio de Janeiro [...] e probabilmente riuscirete ad avere una idea molto vaga della bellezza meravigliosa e pesante della baia di Rio de Janeiro [...] ho detto pesante, perchè tutto quanto ci attrae straordinariamente quaggiù produce nei nostri sensi la lotta degli effetti¹⁵

14 [Na Bahia eu via enfraquecido e desmoralizado pela República um povo que havia sido operoso e contente sob o Império.]

15 [Todo aquele panorama é bonito, é estupendo, é maravilhoso, e mesmo assim não é nada em comparação à grandiosidade do golfo do Rio de Janeiro [...] e provavelmente consigam ter uma idéia muito vaga da beleza maravilhosa e pesada da baía do Rio de Janeiro. Disse pesada, porque tudo o que de extraordinário nos atrai aqui produz nos nossos sentidos o conflito dos efeitos.]

Ao se referir à cidade de São Paulo, o jornalista também chama a atenção para a forte influência cultural francesa no Brasil - exatamente como Bontempelli o faria cerca de quarenta anos depois, em seu relatório para Benito Mussolini:

L'andirivieni dei paulisti tra il Brasile e la capitale della Francia, i loro rapporti commerciali e finanziari con questo paese, le loro tendenze al gusto francese, e nel vestire, nel mangiare, e nell'educazione fisica, ed un tantino pure in quella morale, hanno fatto di S.Paolo um lembo di Parigi¹⁶

Em conclusão, ambos os autores estavam fascinados pela natureza exótica do Brasil e cada um deles interpretou a seu modo o mito do Eldorado, tal como definido por Americo Vespucci na obra *Mundus Novus*. Ambos estavam preocupados com a influência cultural francesa no Brasil e tentavam encontrar maneiras de a Itália substituir a França. Com efeito, eram legítimos representantes de uma corrente que enxergava o Brasil como um lugar onde a Itália pudesse expandir sua influência cultural e econômica. Até que ponto eles imaginavam que esta influência poderia chegar é outra questão.

ABSTRACT: L'articolo svolge una breve analisi delle relazioni di viaggio sul Brasile di Massimo Bontempelli e Alessandro D'Atri.

PAROLE CHIAVE: viaggio; fascismo; Brasile; Italia; Argentina.

Bibliografia

- BONTEMPELLI, M. *Noi, gli ARIA: interpretazioni sudamericane*. Palermo: Sellerio, 1994.
- D'ATRI, A. *Interviste brasiliane*. Napoli: Pei Tipi di Michele d'Auria, 1894.
- TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Editora Nobel, 1989.
- VESPUCCI, A. *Novo Mundo. As cartas que batizaram a América*. (Org. Eduardo Bueno). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- ROMANO, S. *Histoire de l'Italie du Risorgimento à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- CAROCCI, G. *Storia del fascismo*. Roma: Tascabili Economici Newton, 1994.
- MILLET, G.C. *Pirandello in Argentina*. Palermo: Edizioni Novecento, 1987.
- Enciclopedia della Letteratura Garzanti*. Milano: Garzanti, 1979 (terza edizione).

16 [O vai-e-vem dos paulistas entre o Brasil e a capital da França, as suas relações comerciais e financeiras com este país, suas inclinações em relação ao gosto francês, e no vestir, no comer, e no porte físico, e até um pouco na educação moral, fizeram de São Paulo um pedaço de Paris.]